

EDITORIAL

Editores

Ceci Maria Costa Baptista Mariani,
Breno Martins Campos

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Recebido

1 jun. 2026

Aprovado

5 jun. 2026

Hermenêuticas do Feminino: Fé, memória e narrativa

Andréia Cristina **Serrato**¹ , Renato **Kirchner**² 

¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC PR), Escola de Educação e Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Teologia. Curitiba, PR, Brasil. Correspondência para: A.J. SERRATO. E-mail: <andrea.serrato@pucpr.br>.

² Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Campinas, SP, Brasil.

Como citar este artigo: Serrato, A.J.; Kirchner, R. Hermenêuticas do Feminino: Fé, memória e narrativa. *Reflexão*, v. 51, e2619552, 2026. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v51a2026e19552>.

Fruto de um percurso de diálogo acadêmico internacional em curso desde 2020, pesquisadoras e pesquisadores vinculados à PUC-Campinas, à PUC-Rio, à PUCPR e à Universidade de Lisboa e à Universidade de Évora, têm empreendido esforços conjuntos, a fim de refletir sobre as múltiplas dimensões do feminino como categoria hermenêutica, capaz de iluminar de modo renovado as relações entre fé, memória e narrativa. Esse itinerário de interlocução vem se mostrando particularmente fecundo ao favorecer uma abordagem interdisciplinar atenta aos modos pelos quais as experiências e as vozes femininas contribuem para a ressignificação do sagrado, da história e das práticas narrativas, colaborando para a construção de sentidos culturais, éticos e espirituais. O feminino, nesse contexto, não constitui apenas um tema de investigação, mas um lugar hermenêutico e epistemológico a partir do qual se tornam visíveis novas possibilidades de interpretação do sagrado, da história e da narrativa.

Nesse horizonte, propõe-se o dossiê *Hermenêuticas do Feminino: Fé, memória e narrativa*, em consonância com as reflexões suscitadas pelo III Colóquio Internacional Hermenêuticas do Feminino, realizado em 2024. O tema articula três categorias centrais para a reflexão contemporânea em teologia, ciências da religião, filosofia e áreas afins: a fé, compreendida como experiência de sentido, abertura ao mistério e resistência; a *memória*, entendida como lugar ético, político e espiritual de elaboração das dores, dos silenciamentos e das lutas; e a *narrativa*, concebida como mediação hermenêutica por meio da qual vidas, corpos e memórias emergem no espaço público com densidade crítica e potência transformadora.

No âmbito eclesial e público, as hermenêuticas do feminino também interpelam criticamente as formas de exercício do poder, da autoridade e da participação. Nessa direção, Sandra Arenas observa que “uma liderança construída e exercida de forma comunitária exige características de poder diferentes das atuais e implica, conseqüentemente, a inclusão inevitável das mulheres” (Arenas, 2020, p. 538, tradução nossa), evidenciando que a presença e a voz das mulheres não podem ser compreendidas como concessão periférica, mas como exigência constitutiva de

uma comunidade que se pretenda mais sinodal, justa e inclusiva. Tal perspectiva amplia o alcance deste dossiê ao mostrar que fé, memória e narrativa não se restringem ao plano simbólico ou discursivo, mas incidem concretamente sobre os modos de configuração das relações eclesiais, sociais e institucionais.

Além da articulação das três categorias citadas acima, o dossiê apresenta reflexões que dialogam com a temática proposta, evidenciando ainda mais a fecundidade do encontro entre hermenêutica, feminino, memória e experiência de fé, ao mesmo tempo em que reafirmam a relevância acadêmica, eclesial e pública desse campo de investigação. Busca-se, assim, conferir visibilidade à força epistemológica, teológica e política das narrativas femininas, reconhecendo que lembrar, narrar e interpretar constituem também modos de resistência, de recriação do presente e de abertura de horizontes para o futuro.

Nesse contexto, a fé evidencia a relevância do reconhecimento da dimensão feminina na constituição dos universos simbólicos e espirituais que permeiam as tradições religiosas. A partir da analogia com a criação, como expressado na teologia ecofeminista, a figura feminina *emerge* como elemento primordial da vida e da existência, associada à Terra e à fertilidade, por exemplo. Esse vínculo transcende a invisibilidade e o silenciamento históricos, revelando uma espiritualidade que, ao celebrar o feminino, reinterpreta o sagrado de forma inclusiva e renovadora.

Em estrita relação com isso, a memória é um campo fértil para recuperar e ressignificar a experiência das mulheres ao longo da história. A invisibilidade de suas narrativas, muitas vezes relegadas ao esquecimento, necessita ser enfrentada por uma hermenêutica que busque trazer à luz essas vozes suprimidas ou mesmo silenciadas. A memória feminina é indissociável das lutas por justiça e o eco das mulheres silenciadas reverbera na construção de uma memória coletiva que resgata o papel delas como agentes da história e da espiritualidade, especialmente nas tradições religiosas que moldaram culturas inteiras.

Como recorda Maria Clara Bingemer, “a fé cristã foi desde seus começos uma fé no testemunho de outros” (Bingemer, 2009, p. 370), o que evidencia que a experiência crente se constitui narrativamente, na transmissão viva da memória e da palavra. Nesse sentido, reconhecemos que a fé não nasce no vazio, mas é transmitida por narrativas, experiências e memórias partilhadas como, por exemplo, o testemunho das mulheres da ressurreição de Jesus. É importante ressaltar que os quatro evangelistas registram esse testemunho singular das mulheres como primeiras anunciadoras da ressurreição de Jesus, conforme narrado em *Mt* 28,1-10; *Mc* 16,1-10; *Lc* 24,1-12; e *Jo* 20,1-18. A fé inaugura, portanto, uma nova maneira de existir, um novo estilo de vida, baseada num tipo de conhecimento que não é puramente racional ou empírico, mas existencial no sentido eminente do termo. Algo que me constitui como pessoa e me faz existir, ser o que sou.

Num artigo intitulado “A repressão do existencial ou: por que muitos se tornam conservadores?” Dorothee Sölle (1929-2003) escreveu: “‘Eu existo’ significa, pois, que eu não sou apenas coisa nas mãos de outros. Eu sou mais do que os outros sabem de mim; sou mais do que aquilo que eles podem utilizar” (Sölle, 1981, p. 103). A teóloga sustenta que a pessoa humana possui um valor intrínseco que ultrapassa qualquer função social ou utilidade prática. Mesmo condicionada por fatores históricos e sociais, nenhuma pessoa deve ser reduzida a instrumento ou objeto de manipulação, pois sua existência é um fim em si mesma e fundamento de sua liberdade e dignidade.

Numa das suas obras mais conhecidas, publicada em 1928, Virginia Woolf (1882-1941) escreve: “A memória é a costureira, e por sinal bastante imprevisível. A memória faz correr a agulha para dentro e para fora, para cima e para baixo, para cá e para lá. Não sabemos o que vem a seguir, ou o que virá depois” (Woolf, 2014, p. 97). É notável que, segundo a autora, a memória desempenha uma

força positivamente dinâmica e imprevisível, comparada a uma costureira que entrelaça livremente diferentes lembranças. Um gesto simples do cotidiano pode despertar uma multiplicidade de recordações dispersas, claras ou obscuras, mostrando que nossas ações mais comuns estão sempre acompanhadas por uma complexa rede de associações, emoções e pensamentos que emergem da memória de maneira inesperada.

Chimamanda Adichie adverte para o perigo de uma história única: “É impossível falar sobre história única sem falar sobre poder” (Adichie, 2019, p. 22). Ao retomar a reflexão do poeta palestino Mourid Barghouti (1944-2021), a escritora nigeriana pondera: “Se você quiser espoliar um povo, a maneira mais simples é contar a história dele e começar com ‘em segundo lugar’. Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente” (Adichie, 2019, p. 23). Assim, podemos constatar que o feminismo “lança novas perguntas ao passado, escuta outras vozes para deslocar o presente e imaginar o futuro” (Gebara, 2022, p. 111).

A memória, assim compreendida, não se reduz à recordação do que passou, mas constitui um exercício de responsabilidade histórica, pois permite reconhecer experiências de violência, exclusão e resistência que não podem ser esquecidas nem repetidas. Ao fazê-lo, torna-se também condição para elaborar feridas, ampliar processos de responsabilização, fortalecer práticas de justiça e suscitar novas formas de sensibilização social e teológica. Hannah Arendt nos instiga a pensar: “Pois memória e profundidade são o mesmo, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação” (Arendt, 2005, p. 131).

A narrativa, por sua vez, ocupa lugar decisivo na construção e transmissão dessa memória e da fé. Ao narrar as experiências do feminino, seja através de textos literários, filosóficos, teológicos ou históricos, criam-se espaços de reconhecimento e valorização das contribuições femininas para a cultura e a religião. Nesse horizonte, a teologia feminista latino-americana reconhece “a necessidade de resgatar a experiência das mulheres como o elemento epistemológico por excelência” (Serrato, Candiottto, 2023, p. 727), deslocando o centro da reflexão para sujeitos e experiências historicamente invisibilizados. Além disso, trata-se de abrir novas vias de acesso “para a racionalidade como a narração, o canto, a arte, dentre outras” (Serrato, Candiottto, 2023, p. 730), uma vez que essa perspectiva amplia o próprio fazer teológico e confere densidade hermenêutica às narrativas femininas no interior da fé e da memória.

A narrativa não apenas preserva memórias, mas as transforma em instrumentos de reflexão e ação, permitindo que o feminino ocupe um lugar central nas discussões contemporâneas sobre justiça, cuidado e preservação da vida, tanto no plano humano quanto no ecológico. Como observa Elisabeth Schüssler Fiorenza, a reconstrução feminista da história tem por objetivo recuperar a presença e a atuação das mulheres no cristianismo, promovendo uma “reconstrução da história das mulheres como narrativa das mulheres no interior do cristianismo” (Fiorenza, 1994, p. 34, tradução nossa). Tal perspectiva permite compreender a narrativa não apenas como preservação da memória, mas como reinscrição crítica da experiência das mulheres no interior da tradição cristã. Trata-se de uma “memória subversiva” que preserva as experiências, os sofrimentos e as esperanças das mulheres, reinscrevendo suas trajetórias na tradição cristã e evidenciando, assim, o caráter narrativo da experiência de fé. Como observa Fernanda Henriques, “é necessário narrar de modo diferente a história da nossa cultura e, em particular, a história da filosofia”; e continua: “se quisermos encontrar novos textos, novos autores e novas interpretações que possam revelar o papel das mulheres em toda a dinâmica do pensamento e da vida” (Henriques, 2013, p. 8, tradução nossa), pois a disputa pela memória é também uma disputa por reconhecimento.

No capítulo “A maioria silenciosa começa a falar”, do livro *Discipulado de iguais*, Elisabeth Schüssler Fiorenza critica o androcentrismo teológico por legitimar estruturas patriarcais que historicamente silenciam e invisibilizam as mulheres na Igreja e na sociedade, defendendo a recuperação de sua voz e protagonismo na comunidade cristã: “A teologia feminista procura desmascarar a função opressora dessa teologia patriarcal. Analisa a experiência de opressão e discriminação da mulher na sociedade e na religião como também nossas experiências de esperança, amor e fé na luta por libertação e vida plena” (Fiorenza, 1995, p. 279). Para a autora, a teologia feminista, entendida como uma teologia crítica da libertação, denuncia o modo como a linguagem, as estruturas teóricas e a produção teológica marcadas pelo androcentrismo contribuem para legitimar e perpetuar o patriarcado na Igreja e na sociedade. Segundo a autora, o silêncio e a invisibilidade das mulheres são consequências dessas estruturas patriarcais, sustentadas por uma teologia construída a partir de uma perspectiva predominantemente masculina.

Gerda Lerner (1920-2013), uma das principais referências da historiografia feminista, escreveu no livro *A criação do patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens*: “Homens e mulheres vivem em um palco no qual desempenham seus papéis designados, ambos de igual importância. A peça não pode prosseguir sem os dois tipos de atores” (Lerner, 2019, p. 38). Lerner utiliza a metáfora do teatro para mostrar como homens e mulheres participam da sociedade em papéis considerados igualmente necessários, mas definidos e controlados por homens. São eles que escrevem o roteiro, dirigem a peça e estabelecem os critérios de participação, reservando para si os papéis mais valorizados e relegando às mulheres funções secundárias. Mesmo quando as mulheres conquistam acesso a posições de maior destaque, continuam submetidas a regras e avaliações masculinas, o que impede uma verdadeira igualdade. Essa lógica também se manifesta na escrita da história, tradicionalmente produzida por homens e centrada em suas experiências. Mesmo as primeiras mulheres historiadoras, formadas dentro de paradigmas masculinos, buscaram valorizar principalmente aquelas mulheres que reproduziam ações consideradas importantes pelos homens. Por isso, as feministas defendem que a desigualdade não se limita à distribuição de papéis, mas está nas próprias estruturas que organizam a sociedade e o conhecimento. A transformação exige questionar e modificar os fundamentos que sustentam essas relações de poder.

Na mesma perspectiva, Ecléa Bosi, em *O tempo vivo da memória*, enfatiza: “As condições sob as quais as mulheres se concebiam livres do patriarcado foram condições impostas a elas pelo patriarcado. Em resumo, uma mulher que tivesse algum talento tinha menos chance de desenvolvê-lo do que seu irmão” (Bosi, 2003, p. 38). A memória configura-se como uma dimensão essencial da experiência humana, pois preserva, ressignifica e transmite experiências que continuam exercendo influência no presente. Para a autora, recordar não significa apenas voltar ao passado, mas compreender, à luz do presente, aquilo que continua vivo na história individual e coletiva.

Nesse sentido, a proposta do presente dossiê parte da convicção de que a hermenêutica do feminino não diz respeito apenas às mulheres, mas ao modo como se interpretam as experiências humanas, os textos, as tradições, os corpos, as relações e as linguagens da fé. Fé, memória e narrativa configuram categorias intrinsecamente interligadas. A fé enraíza-se em uma memória compartilhada; a memória, por sua vez, requer a narração para ser preservada e transmitida; e a narrativa, ao acolher experiências concretas, torna-se um espaço de reconhecimento, denúncia, reconstrução e esperança. Desse modo, a experiência crente constitui-se e se comunica por meio das histórias que uma comunidade recorda, interpreta e transmite ao longo do tempo.

O dossiê acolhe reflexões que problematizem as relações entre memória e justiça, testemunho e subjetividade, tradição e reinscrição narrativa, espiritualidade e resistência, mística

e corporeidade, Bíblia e vozes femininas, bem como abordagens interdisciplinares que contribuam para pensar as experiências das mulheres em suas múltiplas expressões. A relevância dos temas desenvolvidos no dossiê torna-se ainda mais evidente em uma época marcada pela necessidade de reconhecer e escutar sujeitos historicamente silenciados, especialmente mulheres que, em diferentes contextos sociais, políticos, culturais e eclesiais, tiveram sua voz e sua participação sistematicamente invisibilizadas. Nesse sentido, a recuperação de suas experiências e narrativas revela-se essencial para a reconstrução de novos horizontes éticos, eclesiais e sociais.

Referências

- Adichie, C. N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Arenas, S. Sin exclusiones: catolicismo, mujeres y liderazgo distribuido. *Teología y vida*, v. 61, n. 4. Santiago, 2020, p. 537-553. Doi: [10.4067/S0049-34492020000400537](https://doi.org/10.4067/S0049-34492020000400537). Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0049-34492020000400537. Acesso em: 31 maio 2026.
- Arendt, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- Bingemer, M. C. L. A fé cristã na contemporaneidade: Rumos e desafios. *Perspectiva Teológica*, v. 41, 2009, p. 345-374. Doi: [10.20911/21768757v41n115p345/2009](https://doi.org/10.20911/21768757v41n115p345/2009). Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/84/128>. Acesso em: 31 maio 2026.
- Bosi, E. *O tempo vivo da memória: Ensaios de psicologia social*. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2003.
- Fiorenza, E. S. *In memory of her: A feminist theological reconstruction of christian origins*. New York: Crossroad, 1994.
- Fiorenza, E. S. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- Gebara, I.; Diniz, D. *Esperança feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2022.
- Henriques, F. The need for an alternative narrative to the history of ideas or to pay a debt to women: A feminist approach to Ricœur's thought. *Études Ricœuriennes/Ricœur Studies*, v. 4, n. 1, 2013, p. 6-20. Doi: [10.5195/errs.2013.172](https://doi.org/10.5195/errs.2013.172). Disponível em: <https://ricoeur.pitt.edu/ojs/index.php/ricoeur/article/view/172>. Acesso em: 31 maio 2026.
- Lerner, G. *A criação do patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.
- Serrato, A. C.; Candiottto, J. de F. S. A teologia feminista latino-americana: Novos sujeitos e novas posturas epistemológicas. *Perspectiva Teológica*, v. 55, n. 3, p. 725-744, 2023. Doi: [10.20911/21768757v55n3p725/2023](https://doi.org/10.20911/21768757v55n3p725/2023). Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/5360>. Acesso em: 31 maio 2026.
- Sölle, D. A repressão do existencial ou: por que muitos se tornam conservadores? *Concilium: Revista Internacional de Teologia*, n. 161, p. 101-110, 1981.
- Woolf, V. *Orlando: uma biografia*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.